

perdição em roma
sylvain reynard

Tradução de Ester Cortegano

A Florença, Roma e Praga,
Com gratidão

Agradecimentos

Tenho uma enorme dívida para com as cidades de Florença, Roma e Praga, os seus habitantes e as incomparáveis galerias Uffizi e Accademia, bem como a catedral de São Vitus. Obrigado pela vossa hospitalidade e inspiração.

Agradeço a Kris, que leu um primeiro rascunho e ofereceu valiosas críticas construtivas. Agradeço também a Cassie, Jennifer e Nina pelo seu *feedback* e apoio.

Tive um enorme prazer em trabalhar com a Ever After e Cassie Hanjian, a minha agente. Gostaria de agradecer a Kim Scheffler pela sua orientação e conselhos.

A minha publicista, Nina Bocci, trabalha incansavelmente para promover a minha escrita e para me ajudar com as redes sociais, que me permitem manter-me em contacto com os leitores. É uma honra fazer parte da sua equipa.

Heather Carrier, da Heather Carrier Designs, concebeu a capa do livro. Fez um trabalho maravilhoso. Gostaria também de agradecer a Jessica Royer Ocken pela revisão e a Coreen Montagna por formatar o romance.

Agradeço a Erika, Deborah Harkness e Lauren pelas suas amáveis palavras sobre *Raven, Noites de Florença*. E quero também agradecer aos muitos *bloggers* literários que gastaram tempo a ler e escrever sobre o meu trabalho.

Quero agradecer às Muses, ao Argyle Empire, aos leitores de todo o mundo que gerem as redes sociais SRFans, ao Canal SRFansESP, que cria vlogs excecionais no YouTube, à Trilogia Gabriel por inaugurar um clube de leitores em língua espanhola sobre os meus livros e aos leitores que gravaram

podcasts para a Saga de Gabriel e a Série Noites de Florença. Obrigado pelo vosso contínuo apoio.

Enquanto estava a editar este livro, soube do falecimento de John Michael Morgan, que gravou as versões áudio dos meus livros. As minhas condolências à família e amigos. Sentiremos a sua falta.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus leitores e à minha família por continuarem a fazer esta viagem comigo. Orgulho-me de ser o vosso Virgílio ao longo desta incursão ao Submundo.

— SR
ASCENSION 2015

Prólogo

*Maio de 2013
Florença, Itália*

Ela estava a morrer. O príncipe ouvia o seu coração a bater de uma forma irregular e lenta, a sua respiração a tornar-se ainda mais superficial. A jovem de alma corajosa e lindos olhos verdes estava a morrer.

Os humanos tinham-lhe esmagado o crânio contra uma parede. Não havia dúvidas de que o seu cérebro fora afetado. A pele dos seus braços era pálida, quase translúcida. O seu rosto estava coberto de nódoas negras e de sangue.

O príncipe vira a bondade morrer, não uma, mas duas vezes. Segurara-a entre as mãos e vira a vida a escapar-se-lhe, como areia a escorrer por entre os dedos.

Não ia deixar morrer uma beleza como aquela.

Não se deixando ver pelos outros vampiros, foi buscar as ilustrações que deixara no telhado. Transportou-as junto com a mulher enquanto voava sobre a ponte Vecchio para o outro lado do rio Arno. A cada passo, concentrava o ouvido ancião no som do bater do coração dela, temendo que se silenciasse antes de chegar ao porto de abrigo da sua *villa*.

Ia dar-lhe uma boa dose de sangue vampiro para a curar. Era possível que ela já não pudesse ser ajudada. E não seria o seu sangue que lhe daria. Nem mesmo para lhe salvar a vida.

O príncipe acelerou o ritmo, a sua figura a mover-se como um relâmpago pela colina acima. Quando chegou aos pesados portões de ferro que rodeavam a sua casa, fez uma pausa, segurando a mulher com mais força. Com um grito, saltou por cima da barreira, aterrando como um gato do outro lado. A mulher gemeu com o movimento, e os seus olhos abriram-se um pouco.

— *Cassita* — sussurrou ele, os olhos cinzentos a encontrarem os dela.
— Não durmas.

Viu os olhos dela revirarem-se para trás.

— *Sard* — praguejou, disparando para a porta da *villa* e entrando de rompante.

Não se deu ao trabalho de chamar os seus empregados; tinha meros minutos, talvez somente segundos, até o coração dela parar de bater. Para sempre.

Vooou para a sua enorme biblioteca e pressionou um dos volumes numa prateleira. Um painel de madeira numa parede próxima deslizou para revelar uma porta escondida.

Sem hesitação, o príncipe mergulhou na absoluta escuridão da passagem e desceu uma escadaria até chegar ao nível inferior. Atravessou rapidamente o corredor até alcançar uma pesada porta de ferro. Inseriu um código secreto num teclado e esperou, impaciente, que a porta se abrisse.

O coração da mulher estava cada vez mais fraco.

Apertou-a mais contra si, encostando-lhe o rosto ao seu pescoço, como se pudesse transmitir-lhe a sua própria força. Como se, apenas com o seu toque, a pudesse livrar da morte.

Percorreu fileira após fileira de garrafas cuidadosamente armazenadas em estantes de madeira que atingiam mais de um metro e oitenta de altura. Dirigiu-se para o fundo da adega, onde guardava os seus mais antigos *vintages*.

Depositando a mulher sobre uma mesa de madeira, pôs as ilustrações a um lado. Trataria delas (e da sua vingança) mais tarde.

O príncipe escolheu um dos seus *vintages* mais preciosos, o sangue de um antigo que destruíra no século catorze. Abriu a garrafa e enfiou o dedo lá dentro, retirando uma substância preta. Colocou o dedo sobre a boca entreaberta da mulher.

Não era a melhor maneira de a alimentar. Ela estava inconsciente e incapaz de engolir. Apenas lhe restava esperar que o sangue vampiro se dissolvesse no organismo dela, detendo a sua morte iminente.

Em menos de um minuto, a mulher arquejou.

Ele retirou o dedo, reparando que estava limpo. Enfiou-o de novo na garrafa de vinho, revestindo-o com mais daquela escura nutrição.

Levou o dedo à boca dela, e desta vez a sua língua moveu-se. Seguiu-se um fraco movimento de deglutição.

Ele sussurrou-lhe palavras antigas ao ouvido, falando em latim enquanto a exortava.

O coração da mulher deteve-se por um segundo, depois acelerou os seus movimentos até ficar a bater lenta mas firmemente. Os seus pulmões inspi-ravam com mais profundidade. Ele ouviu as suas veias começarem a vibrar à medida que a substância estranha se misturava com o sangue ao fluir pelo seu corpo.

Mas estes eram reflexos — o corpo a lutar pela vida ao mesmo tempo que a mente permanecia inconsciente.

Ele deu-lhe mais um pouco de sangue à boca. Embora a mulher estivesse a respirar, a sua pulsação continuava fraca. Ela precisava de sangue vampi-ro em maior quantidade do que aquilo que conseguia receber oralmente. Mas ele não podia arriscar-se a movê-la enquanto não tivesse a certeza de que ela sobreviveria durante o tempo que levaria a preparar uma transfusão.

O príncipe amaldiçoou os animais que a tinham atacado.

Alimentou-a mais duas vezes antes de escolher vários valiosos *vintages* da sua coleção e os enfiar debaixo do braço. Deixaria para trás as ilustrações, por enquanto. Estavam seguras na sua adega. Embora o ladrão lhas tivesse levado de casa anteriormente...

Ergueu a ave ferida nos braços e transportou-a para o corredor. Sussurrou-lhe ao ouvido enquanto subia as escadas, rogando-lhe que se agar-rasse à vida.

Estava longe de ter a certeza de que ela sobreviveria à transfusão. Mas, pela bondade da sua alma, tinha de tentar.

Capítulo 1

Agosto de 2013

Florença, Itália

O humano está morto. — O sotaque russo de Gregor era bem pronunciado, quando ele falou nervosamente com o príncipe de Florença.

O príncipe acabara de recuperar o controlo do seu principado e estava encerrado com o seu antigo assistente, fora do alcance de olhos e ouvidos intrometidos.

— Morto? — A expressão estoica do príncipe desvaneceu-se.

— Sim, meu senhor. Ao que parece, ele estava a tentar proteger-lhe o brinquedo e a irmã dela, quando Maximilian o matou. Veio com a irmã dela da América.

— Onde está o corpo? — Num gesto brusco, o príncipe desembainhou e voltou a embainhar a espada.

— Com a polícia. Vai ser feita uma autópsia. — Gregor hesitou.

O príncipe dardejou o seu assistente com um olhar.

— E?

— A rede de informações humana está preocupada com um polícia chamado Batelli. Embora não esteja envolvido na investigação do homicídio, sabe que o seu brinquedo e a irmã dela desapareceram. Agora anda a dizer que tudo isto está relacionado com o roubo na Uffizi.

O príncipe arreganhou os dentes.

— Uma autópsia vai expor-nos. Dá instruções à rede para recuperar o corpo o mais depressa possível. Diz-lhes que o guardem até eu dar mais instruções.

O príncipe alcançou a porta do seu escritório sem olhar para trás. Raven e a irmã ficariam devastadas quando soubessem que Daniel estava morto. Se ainda estivessem vivas, claro.

Levou a mão à maçaneta da porta.

— Reúne o exército e ordena que fiquem de guarda nas fronteiras. As notícias da tentativa de golpe vão espalhar-se. É possível que algum dos nossos aliados aproveite esta oportunidade para nos atacar. Temos de estar preparados.

Gregor fez uma vénia.

— Sim, meu senhor.

— Diz aos leais que o tesouro será aberto para os recompensar. Tu e Aoibhe vão supervisionar a distribuição, mas ficas responsável por manter a generosidade dela dentro dos limites da moderação.

O príncipe pousou a mão sobre o punho da sua espada.

— Tu e ela são os únicos membros do Consilium remanescentes. Estou certo de que tens consciência de que não podemos confiar nela. Parece estar de conluio com Ibarra, que continua vivo e pela cidade. Enviei um grupo de batedores para o localizarem.

— Ibarra? — Os olhos de Gregor abriram-se mais de espanto. — Mas o príncipe executou-o.

— Sim. — O príncipe tinha uma expressão sombria. — Parece que foi... ressuscitado.

Gregor pestanejou.

— Ele é tão poderoso como Aoibhe, se não ainda mais. Um grupo de batedores vai ter dificuldade em derrubá-lo.

»É por isso que temos de ficar atentos e por que te estou a pedir que supervisiones a segurança da cidade. Mantém-te de olho em Aoibhe, e garante que Ibarra seja destruído. Eu vou para a minha *villa*, tentar evitar uma guerra com a Cúria.

Gregor contorcia as mãos.

— Perdão, meu senhor. Pensei que a dádiva das fêmeas humanas seria o suficiente para os aplacar.

A expressão do príncipe endureceu.

— Só se elas chegarem sãs e salvas. O conflito com Machiavelli atrasou-me no envio de mensageiros aos nossos vizinhos. E existem outros perigos.

Um olhar perpassou entre os dois vampiros.

— Espero que elas cheguem em segurança, meu senhor.

— Podemos esperar, Gregor, mas aprendi, ao longo dos séculos, a não entregar o meu destino à esperança. Encarrega-te do exército e sê cauteloso. Ou Ibarra ou Aoibhe podem tentar cortar-te a cabeça.

O príncipe abriu a porta e saiu para o corredor, dirigindo-se com determinação para uma passagem secreta.

Quando entrou na passagem e fechou a porta oculta atrás de si, desatou a correr.

Esperava que não fosse demasiado tarde.

Capítulo 2

W*illiam está morto.*

O pensamento repetia-se como um enlouquecedor refrão na mente de Raven.

Machiavelli tomara o controlo de Florença e remetera Raven e a irmã como oferendas de paz para a Cúria. Provavelmente já executara William, tornando completa a sua ascensão ao trono.

Raven fechou os olhos, demasiado perturbada para chorar.

A última ação de William fora quebrar a sua promessa. Ele tinha-lhe jurado que ficariam juntos, mas permitira que os soldados a levassem. Nem sequer desembainhara uma espada.

Je t'aim, dissera-lhe mudamente, enquanto os soldados a arrastavam. Um último olhar, um último encontro dos seus olhos, e ela fora arrancada da sua presença.

Agora ele estava morto.

O vampiro que a carregava tropeçou. Raven estava pendurada ao seu ombro, o rosto colado às costas dele. Agarrou-se à sua camisa para não cair.

Ele deu-lhe uma palmada no rabo.

— Larga-me, cabra. Vais fazer-nos cair aos dois!

A fúria, rápida e quente, dominou-a. Fechou a mão e esmurrou-o no rim.

O seu punho encontrou algo duro e impenetrável.

— Au! — guinchou, agarrando na mão. — O que é isto?

O soldado riu-se.

— Kevlar. Temos coletes antibalas.

Raven agarrou-lhe na camisa por cima do colete, puxando-lha firmemente para a frente.

— Toca-me outra vez e terás de responder perante a Cúria.

Aquelas palavras foram suficientes para deter o vampiro. O seu peito irrompeu num rugido.

— *O que foi que disseste?*

— Tu ouviste. Quando chegarmos a Roma, a Cúria vai querer saber como fui tratada. E eu vou dizer-lhes.

— Não passas de uma humana — vociferou com desprezo. — Tens de aprender qual é o teu lugar.

— E tu também. A Cúria jurou eliminar-te a ti e aos outros. Queres mesmo dar-lhes outra razão para te matarem?

O soldado não se moveu. Era como se as rodas da sua mente estivessem a girar, medindo as palavras da mulher.

— Sê inteligente — continuou ela, soltando-lhe a camisa. — Mantém-me em segurança, mantém a minha irmã em segurança, e serás recompensado.

— Uma recompensa da Cúria não vale nada — rosnou.

Antes que Raven pudesse responder, ouviram passos aproximarem-se.

— Tu aí — vociferou uma voz profunda. — Continua a correr.

— Sim, comandante. — O soldado desatou a correr a toda a velocidade.

Raven notou com satisfação que agora ele a segurava com força, mas cautelosamente. A sua ameaça funcionara.

Sentia uma perfurante dor de cabeça, e estava nauseada, por ter passado horas a balouçar sobre o ombro do soldado. A paisagem ainda estava mergulhada na escuridão. Ela tinha quase a certeza que o nascer do Sol se aproximava, mas não fazia ideia das horas. Não usava relógio e o seu telemóvel estava enfiado num bolso. O soldado parecera não reparar nele.

Ainda tinha a pulseira de ouro que William lhe dera alguns meses antes. Era um símbolo da ligação entre ambos. Mas o soldado parecia não ter reparado nela também.

Chamou pela irmã, o que lhe valeu uma ordem de «Silêncio». Desafiou o soldado duas vezes, mas Cara não respondeu. Ainda devia estar inconsciente.

Sabia-se culpada pelo atual estado de Cara. Não conseguira protegê-la do padrasto de ambas quando eram crianças. Não conseguira protegê-la quando um vampiro as atacara em Florença. Agora o noivo de Cara estava gravemente ferido e encontravam-se à mercê de dez soldados vampiros e o respetivo comandante.

Os soldados tinham sido encarregues de entregar as mulheres ao seu velho amigo padre Kavanaugh, no Vaticano. Constituíam uma oferenda

de paz dada pelo novo príncipe de Florença ao seu inimigo, a Cúria. William...

Raven deteve os seus pensamentos.

Não tinha tempo para se demorar no passado. Não tinha tempo para chorar a sua perda ou amaldiçoá-lo pelo que ele fizera ou deixara de fazer. Por pura força de vontade, ignorou a sensação ao fundo do seu estômago e concentrou-se no presente.

Precisava de proteger a sua irmã. Precisava de garantir que chegavam a Roma vivas.

Um grito soou à esquerda de Raven, e o seu captor abrandou. Subiram o que parecia ser uma vertente íngreme e rochosa e avançaram cerca de vinte passos antes de ele a atirar bruscamente para o chão.

O soldado deu um grande passo atrás, olhando para ela com indisfarçado desprezo antes de se afastar.

Depositara-a num matagal de árvores que parecia um pouco mais abrigado. Perscrutou a escuridão, numa busca frenética pela sua irmã. Felizmente, Cara fora deixada no chão ali perto, estendida sobre as raízes de uma árvore. Raven gatinhou para o seu lado.

— Uma pequena pausa — anunciou Stefan, o líder do grupo. — Vamos esconder-nos durante o dia na Úmbria. A princesa Simonetta é uma aliada, e os mensageiros do príncipe já a devem ter informado da nossa presença.

Raven não prestou muita atenção, ocupada a examinar a irmã. Cara tinha uma respiração regular, os olhos fechados.

Raven apertou-lhe a mão.

— *Cara.*

Ela não respondeu.

Raven tentou outra vez, e outra. Cara não fez qualquer movimento.

Raven levantou-se com esforço, ignorando a dor perfurante que disparou do tornozelo até à anca da sua perna doente. Cambaleou na direção de Stefan, mordendo o interior da bochecha para dominar a dor.

— Preciso que examine a minha irmã.

O franco-canadiano fez-lhe um olhar de desdém.

— Eu não trato seres humanos.

— Ela está inconsciente há horas. Pode estar em coma.

Stefan presenteou-a com a visão das suas costas e começou a falar com o soldado mais alto, que comandava o destacamento que os rodeava.

— Estou a falar consigo. — Raven ergueu a voz em italiano, mal conseguindo conter a fúria.

— Não me envolvo em conversas com comida. Em especial com comida que sofre de histeria. — Stefan falou por cima do ombro antes de continuar a sua conversa.

— Histeria? — sibilou Raven. — Seu misógino imbecil.

Um rosnar coletivo ergueu-se dos soldados, e ela viu-os aproximarem-se por todos os lados.

Stefan dividiu vincadamente o seu olhar entre os soldados e Raven.

— Estavas a dizer?

— Que é um imbecil. São todos uns imbecis. — Ela coxeou para o lado, colocando-se entre os vampiros e a sua irmã. — Nós pertencemos à Cúria. Ela pode estar a morrer, e estão a negligenciá-la. O que é que acham que a Cúria vai fazer quando aparecerem lá com um cadáver?

Stefan agitou-se, o seu olhar a desviar-se para Cara.

Raven seguiu o curso dos seus olhos.

— Maximilian atacou-a. Aoibhe deu-lhe um pouco do próprio sangue para a curar. Ela tem estado inconsciente desde então.

— A senhora Aoibhe? — Um dos soldados riu-se. — Aquela cabra não daria uma gota de sangue para salvar a própria mãe.

— Ela alimentou-a — insistiu Raven. — Não muito, mas o suficiente para a curar.

Raven passou a sua atenção para Stefan.

— Tem de examinar a minha irmã. Já.

Stefan fungou de desdém.

— Tu não me dás ordens. O teu dono morreu; não passas de um objeto para ser oferecido em troca da paz. Eu tenho a carta do padre no bolso.

Os olhos verdes de Raven dardejaram.

— Nós pertencemos à Cúria. Se não ajudarem a minha irmã, eles vão matar-vos.

— Dá-lhe na cabeça. — Um dos soldados agitou a sua espada. — Assim não vamos ter de continuar a ouvi-la.

— Toca-me e estás morto. — Raven descreveu uma volta, a olhar cada um deles nos olhos. — O que é que acham que a Cúria vai fazer se chegarmos feridas? Vão matar-vos. A todos. E eu vou dançar à volta dos vossos corpos.

— É difícil dançar com uma perna aleijada — troçou um soldado, imitando a sua deficiência.

— Basta. — Alguém deu um passo em frente.

Todos os resmungos e rosnados cessaram.

Era muito mais alto do que os outros, com bem mais de um metro

e oitenta e três. O seu peito era largo, os braços e pernas eram grandes e poderosos.

Colocou-se à frente de Raven, olhando-a do alto com olhos escuros e inescrutáveis.

— O nascer do Sol aproxima-se. — O seu italiano era falado com pronúncia da Europa de Leste. — Stefan, trata da humana. Depois temos de ir.

— Não estás em posição de me dar ordens, Borek. — Stefan cruzou os braços sobre o peito. — O príncipe Machiavelli colocou-me ao comando.

A mão de Borek fechou-se com mais força em volta do punho da espada, os seus olhos nunca abandonando os de Raven.

— Eu é que estou no comando deste destacamento. A minha missão é entregar as fêmeas à Cúria, sãs e salvas. Não me obrigues a matar-te.

— Não te atreverias — exclamou Stefan, descruzando os braços. — Eu sou um membro do Consilium.

Borek virou a cabeça muito ligeiramente, e os seus olhos encontraram os de Stefan.

— Muito bem — bufou o médico. Deu meia-volta nos calcanhares e dirigiu-se para Cara.

— Obrigada. — Raven arriscou um olhar agradecido ao comandante.

Ele virou-se para ela, a expressão inalterada.

— *Rameira da Cúria*. Se eu tivesse escolha, tu e a tua irmã já estariam mortas.

Raven deu um passo atrás, surpreendida por aquela súbita mostra de fúria.

Recompôs-se rapidamente.

— Ambos queremos o mesmo, comandante. Ambos queremos chegar a Roma o mais depressa possível.

— Tu não sabes nada do que eu quero. — Espetou o queixo na direção de Cara. — Tratem da rapariga e preparem-se para voltar ao caminho.

Raven regressou para junto de Cara no momento em que Stefan concluía o seu exame.

Ele levantou-se e limpou as mãos com aversão.

— Está inconsciente, mas provavelmente é um efeito secundário do sangue. Aoibhe é uma vampiresa poderosa.

— Ela vai acordar?

— Vai. — Stefan não se deu ao trabalho de olhar na direção de Raven. — Não me perguntes quando. Não sei quanto sangue ingeriu nem quais eram os seus ferimentos. Alguns humanos têm esta reação ao sangue vampiro, os seus

organismos desligam e dormem durante horas. Ela pode acordar a qualquer momento.

— Obrigada.

O lábio superior de Stefan ergueu-se num trejeito de desdém.

— Mais vale que rezes para a Cúria vos querer mesmo. — Baixou a voz.

— Tenho curiosidade de saber o que é que vos aconteceria se eles mudassem de ideias.

Os punhos de Raven cerraram-se.

O seu palavrão foi abafado pelo estertor de aço, quando os soldados desembainharam as espadas, os rostos virados para o exterior do perímetro. Alguns vampiros posicionaram-se em volta da árvore sob a qual Cara jazia.

— O que se passa? — O olhar de Raven moveu-se de soldado para soldado, descobrindo os seus rostos uniformemente tensos.

Algo se agitou entre as árvores. Depois, de repente, um animal saltou para a clareira, atirando um dos soldados para o chão.

O animal rugiu.

— Selvagens! — gritou um soldado, erguendo a espada. — Às armas!

Pelo canto do olho, Raven detetou um movimento súbito. Antes de ter tempo de gritar, uma enorme criatura emergiu da árvore atrás da sua irmã.

Capítulo 3

*Agosto de 2013
Cambridge, Massachusetts*

— **C**omo é que ele sabia? — sussurrou Julia para um quarto às escuras, a mão sobre o fundo do abdómen. Estava deitada na cama com o marido, muito depois da hora em que se tinham recolhido.

Ainda a dormir, Gabriel soltou um pequeno grunhido e virou-se para ela.

Julia examinou-o nas sombras — aquele caracol que se colara à sua testa, as belas feições e o rosto com a barba já crescida, o peito e ombros nus.

— Como é que ele sabia? — repetiu, pressionando a mão no rosto dele.

Gabriel soltou um profundo suspiro e roçou a cara na mão dela. Um momento depois, os seus olhos abriram-se.

Pestanejou.

— Hum?

— O homem da Uffizi. O que foi ter contigo à Úmbria e te disse que estou doente. Como é que ele sabia?

Agora Gabriel estava acordado.

Um músculo palpitou no seu rosto.

— Não sei.

— O Dr. Rubio diz que foi bom termos pedido uma ecografia. Um dos miomas está tão grande. — Julia estremeceu.

Gabriel segurou-lhe na mão e beijou-a, entrelaçando os dedos nos dela.

— Tu vais ficar bem.

— O Dr. Rubio quer mais testes, mas os miomas explicam tantas coisas... a dor, os níveis de ferro em baixo, as hemorragias.

Gabriel estremeceu.

— Devias ter prestado mais atenção a isso.

Julia pressionou as mãos de ambos contra o coração.

— Pensei que os sintomas haveriam de desaparecer.

— Tens de ter mais cuidado contigo. — As sobranceiras escuras de Gabriel franziram-se. — Tens um marido e uma filha que te amam. Que precisam de ti.

Roçou os lábios nos dela.

Julia suspirou apreciativamente.

— Prometo-te que vou ter mais cuidado. Mas não compreendo como é que um desconhecido poderia saber uma coisa tão pessoal.

Gabriel recuou um pouco. Os seus olhos azuis estudaram os dela.

— Não sei quem, ou o que, é. Fico contente por tu e a Clare estarem longe dele.

— E eu estou grata por ele nos ter avisado. Os meus sintomas estão a piorar. Nem posso imaginar o que teria acontecido se as coisas continuassem.

— Julia estremeceu de novo.

A mão de Gabriel deslizou para o abdómen dela.

— Agora está tudo bem. Não nos vamos preocupar com o que poderia ter acontecido.

Aproximou-se e beijou-a, a língua a provar a curva do seu lábio.

Julia reagiu, fechando os braços em volta do seu pescoço e puxando-lhe o corpo para cima do seu.

O monitor da bebé sobre a mesa de cabeceira soltou um estalido e depois ouviu-se um choro baixo.

Gabriel estacou, como se fosse um animal a tentar evitar um predador.

— Eu vou. — Julia soltou-se de debaixo dele.

Gabriel agarrou-lhe o pulso.

— Espera. Deixa ver se ela adormece.

Julia riu-se.

— Dizes sempre isso, e ela nunca o faz.

Ele soprou, rabugento, passando os dedos pelo cabelo espesso e escuro.

— Eu vou. — Deu-lhe um beijo na testa. — A mamã precisa de descansar.

Julia sorriu e enterrou-se debaixo dos cobertores, ficando a ver o marido enfiar um par de boxers e dirigir-se para o quarto da bebé.

Começou a brincar com a cruz que usava em volta do pescoço, a perguntar-se porque o mesmo homem que ameaçara o seu marido os teria apresentado com uma tão importante informação a respeito da sua saúde.

Não tinha resposta para esta pergunta.

Capítulo 4

Raven agiu por instinto, e atirou-se para trás para cobrir a irmã com o próprio corpo. Rugidos animais e roucos gritos de vampiros enchiam os seus ouvidos, juntamente com os passos que vinham de todas as direções.

Ouviu rosnar junto ao seu cotovelo e uma praga em italiano, e depois o silvar de qualquer coisa metálica a cortar o ar. Um objeto pesado caiu com um baque no chão a alguma distância.

Uma pata peluda agarrou o tornozelo da sua perna magoada e puxou-a, quase arrancando a anca pela articulação. Ela soltou a irmã e desferiu um pontapé.

— Larga-me! — gritou. — Socorro! Socorro!

A pressão no seu pé aumentou ainda mais, e ela sentiu os ossos do tornozelo rangerem em protesto. Virou-se de barriga para baixo e tateou o chão à sua volta, tentando agarrar-se a alguma coisa. O fedor a sangue e a carne não lavada encheu-lhe as narinas.

Sentiu uma náusea.

Qualquer coisa a virou de novo ao contrário. Olhou para cima e viu uns olhos escuros, como os de um inseto.

Raven gritou, erguendo a perna sã e desferindo pontapés. O selvagem uivou quando ela o atingiu no rosto.

Depois agarrou-a por ambos os tornozelos e apertou-lhos.

Ela gritou de dor e começou a agitar os braços, temendo que a criatura lhe esmagasse os tornozelos.

Depois, de súbito, o selvagem soltou-a.

Raven rastejou para junto da irmã. Soergueu-se sobre ela, examinando-a para ver se estava ferida.

Borek estava parado a um metro de distância, a grande espada a gotejar de um sangue negro sobre o corpo de um selvagem sem cabeça.

Os seus olhos encontraram-se.

— Fica aqui. — Pontapeou o corpo para o lado e dirigiu-se para a refrega.

Era difícil de ver, mas Raven discerniu um selvagem envolvido numa luta corpo a corpo com soldados ao centro da clareira. Stefan estava a um lado, desajeitadamente agarrado a uma espada.

O selvagem movia-se como um animal, sobre as quatro patas, e erguendo-se sobre duas para atacar. Parecia ser macho e de estatura média, mas mais forte do que os seus adversários vampiros. Raven viu um vampiro ferido, ajoelhado no chão, agarrado ao ombro.

Tentou bloquear os gritos dos selvagens, intercalados como estavam com palavras incoerentes e obscenidades. A sua atenção estava concentrada na irmã, esperando que Cara não escolhesse aquele momento para recuperar a consciência.

Um grito de triunfo fez-se ouvir, e Raven viu Borek a erguer a espada ao alto, a cabeça de um selvagem pendurada da outra mão.

— Temos de partir. Agora. — Borek atirou a cabeça para um dos soldados. — Recuperem todas as cabeças. Andem uma milha com elas e depois deem-nas fora.

— E os corpos? — Stefan deu um passo em frente, embainhando a espada.

— Deixa-os.

— Mas podem reanimar. — Em dois passos, Borek estava a agigantar-se sobre o médico, a espada ainda a gotejar de sangue selvagem.

Stefan encolheu-se, a pestanejar para o comandante.

Borek apontou a espada ao peito de Stefan.

— Desejas anunciar a nossa presença a toda a gente na região?

O franco-canadiano abanou a cabeça.

— Deixem os corpos. — Borek descreveu um círculo, acenando para o grupo. — Despachem-se.

Enquanto o grupo se reorganizava e preparava para fugir, ele dirigiu-se para o soldado ferido. Ignorando os seus rogos, Borek ergueu a arma e decapitou-o com um golpe seguro.

Raven ergueu-se a cambalear, e encostou-se ao tronco da árvore enquanto tentava recuperar o equilíbrio.

Sem qualquer mostra de emoção, Borek pegou na cabeça e espada do

seu camarada caído. Mandou dois soldados levarem Raven e a irmã. Os vampiros colocaram-se em sentido e dirigiram-se para as mulheres.

Raven olhou para um deles.

— Porque é que ele matou o seu próprio soldado?

O vampiro encolheu os ombros.

— Guillaume foi mordido por um selvagem. Ter-se-ia tornado igual a eles.

Raven engoliu em seco, tentando conter a náusea.

Os vampiros pareciam humanos. Até ela, que se tornara amante de um dos mais poderosos vampiros em Itália, esquecera-se de como eram diferentes dos seres humanos. As suas ações frias e falta de empatia eram mais perturbadoras precisamente porque pareciam humanos.

Raven resolveu manter firmemente presente no seu espírito a diferença entre as duas espécies.

Não podia evitar recordar o seu anterior encontro com um selvagem, perto do seu apartamento em Santo Spirito. Pensara que ia morrer até, inexplicavelmente, o selvagem se deter a alguma distância, a praguejar por ela ter uma relíquia.

Desejou ter agora uma das relíquias de William. Borek garantira que Cara recebia cuidados médicos, mas não o fizera por compaixão. Fizera-o por temer a Cúria.

Raven precisava de reforçar as suas defesas.

— Comandante Borek. — Ergueu a voz, evadindo-se ao soldado que a deveria transportar.

O comandante ignorou-a.

— Comandante Borek — repetiu, desta vez mais alto.

Ele virou a cabeça na sua direção, tal como os restantes membros do grupo, exceto Cara.

— Temos de partir — grunhiu. — Se não o fizermos, vocês acabam mortas.

— Preciso de uma espada. — Estendeu a mão.

Ele fitou-a com incredulidade.

— Não.

Ela deu alguns passos incertos na sua direção.

— Não tenho medo de lutar. E se encontrarmos mais selvagens?

Borek olhou para ela, carrancudo.

Depois dirigiu-se-lhe e estendeu-lhe a espada de Guillaume.

Assim que lhe tomou o peso na mão, a espada escapou-se dos seus dedos e caiu na erva.

Uma gargalhada ergueu-se de entre os vampiros.

Teimosamente, Raven tentou reerguer a arma do chão. Era tão pesada que mal a conseguia segurar com as duas mãos.

Borek arrancou-lha e enfiou-a no próprio cinto.

— Por muito que te custe, vais ter de confiar na nossa proteção.

Vociferou uma ordem ao soldado que fora designado para a carregar, e o vampiro fez uma vénia antes de desatar a correr. No seu lugar, Borek ergueu-a por cima do ombro. Desceram a colina a grande velocidade.

Raven estava surpreendida por o comandante se dignar a carregá-la.

Depois de terem percorrido alguma distância, Borek abrandou o ritmo. Fez deslizar a mão ao longo da perna sã de Raven e enfiou-a debaixo da bairna das suas calças de ganga.

Ela esperneou com o toque.

— O que é que está a fazer?

— Fala baixo.

Sentiu uma coisa fria enfiar-se na sua meia. Borek puxou-lhe a perna das calças para baixo para a esconder.

— Um punhal. — A sua voz era baixa. — Esconde-o dos outros.

Raven pousou uma mão ao fundo das costas dele, indicando que o ouvira.

— Aponta à garganta — sussurrou. — Um punhal terá pouca utilidade contra um selvagem. Mas pelo menos dá-te algum tempo.

— Porque é que me está a ajudar?

Borek ficou em silêncio.

Raven já desistira de receber uma resposta quando a voz dele se fez ouvir na escuridão.

— Por enquanto, pelo menos, o meu destino está ligado ao teu.